

O problema do Nada e sua relação com a liberdade humana em Sartre

Vinicius Xavier HOSTE¹

Resumo

Sartre opera em sua obra *O Ser e o Nada* uma divisão do Ser em duas diferentes regiões: o Ser-Para-si, que é o ser da consciência, e o Ser-Em-si, que é o ser do fenômeno. O intento deste artigo é investigar a relação que essas duas regiões mantêm entre si e, a partir disso, desvelar o que significa para Sartre a liberdade humana. Para isso investigaremos certas condutas humanas que possam revelar essa relação. Como consequência desse primeiro questionamento, seremos levados a investigar também que significado Sartre dá ao Nada, já que Ele se mostrará em todas essas condutas. Veremos então que esse Nada, inserido no mundo pelo homem, acaba por afetar a própria realidade humana: é nesse ponto que mostraremos, finalmente, como o Nada está diretamente ligado à concepção sartreana de liberdade.

Palavras-chave: Consciência, Nada, Liberdade.

The problem of Nothingness and its relation to human freedom in Sartre

Abstract

Sartre operates in his work *Being and Nothingness* a division of being in two different regions: the Being-For-itself, which is the being of consciousness, and the Being-In-itself, which is the being of the phenomenon. The intent of this article is to investigate the relationship that these two regions have with each other and, from that, unveiling what it means to Sartre the human freedom. For that, we will investigate certain human behaviors that can reveal this relationship. Because of this first questioning, we will take to investigate also what meaning of the Nothingness for Sartre, since He will show in all these behaviors. Then we will see that Nothingness, inserted in the world by man, turns out to affect the very human reality: this is where we will show, finally, as Nothingness is directly linked to Sartre's conception of freedom.

Key Words: Consciousness, Nothingness, Freedom.

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: vini17hoste@gmail.com.

Interrogação e negação: a gestação do Nada

Na introdução de sua obra *O Ser e o Nada*, Sartre estabelece duas regiões que participam do Ser: o Ser Em-si, ou o mundo dos fenômenos; e o Ser Para-si, ou a consciência. Contudo, nesse primeiro momento o pensador francês não consegue estabelecer uma ligação entre essas duas regiões. Para que isso seja possível se faz necessário que não se trate a relação dessas regiões separadamente, como é feito na introdução, mas, pelo contrário, é preciso abordá-la como uma síntese. É preciso, então, partir do concreto, “[...] de uma totalidade capaz de existir por si mesma” (SARTRE, 2011a, p. 43), já que consciência e fenômeno, se considerados separadamente, são abstratos – a consciência porque esconde uma origem ontológica no Em-si; o fenômeno porque deve aparecer à consciência. O concreto deve abarcar em sua totalidade tanto a consciência quanto o fenômeno, ou seja, o concreto deve ser o homem no mundo, pois o Em-si não aparece a um Ser que está fora do mundo, mas a um Ser que é no meio do mundo, isto é, a um Ser-no-mundo. Assim,

[...] cada uma das condutas humanas, sendo conduta do homem no mundo, pode nos revelar ao mesmo tempo o homem, o mundo e a relação que os une, desde que as encaremos como realidades apreensíveis objetivamente, não como inclinações subjetivas que só podem ser compreendidas pela reflexão (SARTRE, 2011a, p. 44).

A partir disso, Franklin Leopoldo e Silva (2003, p. 60) afirma que: “A conduta é exatamente a relação em que a experiência se constitui como síntese possível”. Faz-se portanto necessária a escolha de uma conduta humana que possa conduzir a investigação da relação entre homem e mundo.

Ora, o próprio intento de compreender as condutas do homem já revela essa conduta a ser investigada: a interrogação. Toda interrogação presume um ser que interroga e um ser que é interrogado, ficando nos limites da relação entre consciência e Ser Em-si, e também a pressupondo. O interrogado é sempre interrogado sobre algo e, assim sendo, aquele que interroga espera uma revelação por parte do Ser: ou sobre as suas maneiras de Ser, ou sobre o seu Ser. A resposta apresenta duas possibilidades objetivas e contraditórias que se diferenciam da interrogação, uma afirmativa e outra negativa, isto é, sim ou não. Mesmo interrogações que parecem não possuírem a possibilidade de

uma resposta negativa, comportam essa resposta, por exemplo: na questão “O que nos revela essa conduta?” existe sempre a possibilidade de que a resposta seja “nada” ou “tal conduta não existe”, quer dizer, existe sempre a possibilidade que a resposta seja negativa. Assim, “[...] destruir a realidade da negação é o mesmo que fazer desvanecer a realidade da resposta” (SARTRE, 2011a, p. 45).

A resposta é dada pelo próprio ser questionado e, conseqüentemente, é ele quem revela a negação, já que o Ser que interroga, presumidamente, não sabe a resposta. Desse modo, quem interroga está sempre exposto à possibilidade do não. Assim, têm-se na interrogação dois não-Seres: “[...] o não ser do saber, no homem, e a possibilidade de não ser, no ser transcendente” (SARTRE, 2011a, p. 45). Além desses dois não-Seres já descritos, a interrogação revela ainda um terceiro não-Ser: o não-Ser da verdade, ou o não-Ser limitador que estará presente na resposta positiva. A afirmação implica a existência de uma verdade que seja de um modo e não de outro. Com efeito, toda interrogação é condicionada por um tríplice não-Ser.

Portanto, olhando a interrogação em si mesma o que se vê é que ela está rodeada pelo Nada, ou seja, o não-Ser permeia e condiciona a interrogação sobre o Ser: “Aquilo que o ser *será* vai se recortar necessariamente sobre o fundo daquilo que *não é*” (SARTRE, 2011a, p. 46, grifo do autor). Percebe-se, então, que a realidade é composta não só pelo Ser Para-si e pelo Ser Em-si, mas também pelo Nada.

Têm-se a partir de agora, adjunto ao problema do Ser, o problema do Nada. Mas não seria esse um pseudoproblema? O Ser Em-si está além da afirmação e da negação, já que ele é pura identidade, e tanto a afirmação quanto a negação exigem que algo seja afirmado ou negado, ou seja, exigem uma separação entre aquele que afirma ou nega e aquilo que é afirmado ou negado. Dessa maneira, a negação seria atribuível somente ao homem.

Todavia, na trivialidade cotidiana esse Nada não parece se revelar como tal, aparecendo somente no ato judicativo por meio da comparação entre o esperado e o obtido, ou seja, a negação parece se manifestar unicamente enquanto uma qualidade do

juízo. Por exemplo: acredito ter cinquenta reais no bolso, mas ao verificar encontro somente trinta. Nesse caso, minha experiência não me revela o não-Ser dos cinquenta reais, revela apenas que minha crença se revelou falsa. Assim, sou eu o responsável pela negação, sou eu quem emite um juízo a partir de uma comparação. Portanto, a negação se encontraria somente no final do ato judicativo, e com isso não poderia ser considerada uma qualidade do Ser. Isso levaria a conclusão de que o Nada não possui a menor realidade.

Contudo, ao se considerar a negação como o resultado de uma comparação, tira-se dela qualquer rastro de negatividade. A negação aqui é a comparação entre dois juízos afirmativos: “acreditava ter 50 reais” e “tenho apenas 30”. Porém, ao acreditar que a negação

[...] é desencadeada de súbito pela presença em nós de certos juízos afirmativos e vem repentinamente marcar com seu selo certos pensamentos resultantes desses juízos, teremos com isso despojado a negação de toda função negativa. Porque negação é recusa de existência. Por meio dela, um ser (ou modo de ser) é primeiro colocado e depois relegado ao nada. (SARTRE, 2011a, p. 52).

Sartre reconhece que o não-Ser se dá sempre nos limites da espera humana, quer dizer, ele sempre aparece pela relação entre homem e mundo. Todavia, isso não significa que o não-Ser deva se reduzir a pura subjetividade. Primeiramente, não se pode afirmar que a negação seja unicamente uma qualidade do juízo, pois, segundo Sartre, ela é uma “conduta pré-judicativa”, isto é, ontológica. Além disso, a interrogação não se dirige exclusivamente ao homem, ou seja, ela não é sustentada pelo diálogo, a interrogação que se dá pelo diálogo é apenas um gênero de interrogação. A interrogação pode também dirigir-se a um Ser não pensante, e, nesse caso, o que se espera é, não um juízo, mas “[...] uma revelação de ser com base na qual possa emitir um juízo” (SARTRE, 2011a, p. 48). Com isso, ao esperar uma revelação de Ser o homem está preparado também para o não-Ser, ou seja, a interrogação abrange em si mesma uma compreensão ontológica do não-Ser.

As negatividades

Existem quantidades infinitas de realidades que, assim como a negação, não são somente qualidades judicativas, mas que tem a negação em sua estrutura como condição necessária de sua existência. Esses “[...] comportamentos humanos que estão atravessados, em sua estrutura básica, pelo nada” (BURDZINSKI, 1999, p. 27) são chamados por Sartre de *negatividades* [negatités]. A destruição é um exemplo dessas realidades: da mesma maneira que a interrogação, a destruição também só se realiza pelo homem, mas, diferentemente da primeira, na destruição o juízo é empregado como instrumento e não como elemento principal. Um efeito natural como, por exemplo, uma tempestade, não pode causar diretamente a destruição e nem mesmo seria correto dizer que há, após a passagem da tempestade, uma modificação: a modificação só se dá frente a uma testemunha que possa comparar o antes e o depois, sem essa testemunha o que há, antes e depois, é apenas Ser. “Para haver destruição, é necessário primeiramente uma relação entre o homem e o ser, quer dizer, uma transcendência; e, nos limites desta relação, que o homem apreenda *um* ser como destrutível” (SARTRE, 2011a, p. 49, grifo do autor). Nesse sentido, é a fragilidade de algo que possibilita a sua destruição, e a fragilidade também é dada ao Ser pelo homem, como uma possibilidade de não-Ser em determinadas circunstâncias.

Assim, é o homem quem torna as coisas destrutíveis atribuindo-lhes certo valor ou fragilidade, e é só por isso que se pode conceber a ação de certos efeitos – naturais ou não – sobre algo como destruição. É justo falar que a destruição é algo essencialmente humano, mas sem com isso torná-la algo subjetivo; “[...] a destruição é uma possibilidade humana, mas está entranhada nas coisas” (SILVA, 2003, p. 63). Isso significa que a destruição não é um pensamento, mas sim um fato objetivo, já que só é possível destruir aquilo que já é em si mesmo destrutível. Não seria possível conceber como frágil algo que não fosse frágil, nem como destrutível algo indestrutível: “A fragilidade está impressa no ser mesmo deste vaso, e sua destruição seria um fato irreversível e absoluto, que a mim só caberia comprovar. Há uma transfenomenalidade do não ser, como há a do ser.” (SARTRE, 2011a, p. 49).

Para mostrar com segurança que o não-Ser não é uma qualidade do juízo de negação, mas que, ao contrário, “é o juízo de negação que está condicionado e sustentado pelo não ser” (SARTRE, 2011a, p. 51), Sartre oferece mais um exemplo: digamos que marquei um encontro com Pedro em um bar, mas que, ao chegar ao bar não o encontrei. Nesse caso, o bar é uma plenitude de Ser, e também Pedro o é, aonde quer que ele esteja. Ao direcionar minha percepção à procura de Pedro, tem-se aquilo que a Gestalt denomina de conceito figura/fundo, ou, nas palavras de Sartre, forma sobre um fundo:

[...] toda vez que nossa atenção se volta para algo – busca uma figura – essa busca sempre se realizará sobre um fundo. O fundo é na verdade para onde olhamos, para onde direcionamos nossa busca pelo que precisamos, que não nos chama atenção, até que finalmente encontramos o que precisamos. Em última análise, “fundo” é tudo, o que nos cerca, nós próprios, nossa história... Enfim tudo o que possa servir como contexto para o surgimento de algo (RODRIGUES, 2000, p. 112).

Desse modo, o bar se dá a mim como fundo sobre o qual a figura Pedro deve revelar-se. O bar – visto como fundo que só é percebido de forma marginal – é uma nadificação: a nadificação de todas as formas presentes no bar, a submersão dessas formas em um fundo indiferenciado. Em seguida, constato que Pedro não está no bar. O bar continua sendo fundo em constante nadificação e oferecendo-se à minha atenção marginal, mas agora é “[...] Pedro que se destaca como nada sobre o fundo de nadificação do bar” (SARTRE, 2011a, p. 51), ou seja, a ausência de Pedro torna-se agora figura, torna-se o que há de mais real no bar. Tem-se então um Nada-forma sobre um Nada-fundo. Portanto, para emitir o juízo “Pedro não está no bar” é necessário intuir essa dupla nadificação.

[...] eu esperava ver Pedro, a minha espera fez *chegar* a ausência de Pedro como acontecimento real alusivo a este bar; agora, é fato objetivo que *descobri* tal ausência, que se mostra como relação sintética entre Pedro e o salão onde o procuro; Pedro ausente *infesta* este bar e é a condição de sua organização nadificadora como *fundo* (SARTRE, 2011a, p. 51, grifo do autor).

Com efeito, a partir desses exemplos pode-se perceber que não é só a interrogação que exige a realidade do Nada, mas que várias condutas humanas a manifestam. Por isso é necessário que haja o Nada, “que o nada *infeste* o ser” (SARTRE, 2011a, p. 52,

grifo do autor). Mas, com isso, mais uma questão se coloca: de onde poderia vir o Nada?² Qual é o tipo de relação existente entre o Ser e o Nada?

A realidade humana: o Ser que dá a luz ao Nada

Para Sartre, deve haver uma posterioridade lógica do Nada sobre o Ser. O Nada só pode vir após o Ser, já que ele é a negação deste. Por isso, o Ser deve primeiramente ser colocado para que em seguida seja possível negá-lo. O Nada é sempre Nada de Ser: “[...] o nada, que *não é*, só pode ter existência emprestada: é do ser que tira seu ser” (SARTRE, 2011a, p. 58, grifo do autor). É impossível conceber o Nada como contemporâneo ou como anterior ao Ser: se fosse possível conceber algo anterior ao Ser, certamente não seria o Nada, mas uma impensável indeterminação total: o desvanecimento do Ser implica também o desvanecimento do Nada. É essa intuição que tem Roquentin, personagem central do romance sartreano *A Náusea*:

² O problema do Nada remonta aos primórdios da filosofia, tendo sido Parmênides o primeiro a destacar a questão. Para o filósofo de Eleia o Nada é concebido como o puro não-Ser, ou seja, como aquilo que não pode ser conhecido nem expresso. Para ele “o ser é, o nada não é” (REALE, 2003, p. 50), isto é, o não-Ser é absolutamente contraditório ao ser, é o Nada absoluto. Ainda na Grécia antiga, Platão coloca em dúvida a tese de Parmênides referente ao Nada. No *Sofista*, Platão admite que “[...] em certo sentido, o não-ser é; e que, por sua vez, o ser, de certa forma, não é”. (Platão, 1983, 241d). Desse modo, haveria um Ser do não-Ser, pois em cada coisa haveria certa multiplicidade de um e de outro. Portanto, o não-Ser está longe de ser o Nada absoluto para Platão, ele é simplesmente a negação de determinado ser: “Toda Ideia, para ser a Ideia que efetivamente é, deve ser *diferente* de todas as outras, ou seja, deve ‘não ser’ todas as outras. Assim, toda Ideia possui certa dose de ser, mas, ao mesmo tempo, um não-ser infinito no sentido de que, exatamente por ser a Ideia que é, deve não ser todas as outras”. (REALE, 2003, p. 139, grifo do autor). Já na modernidade, Hegel postula uma igualdade de indeterminação entre Ser e Nada. O Ser é definido por Hegel como sendo sem determinação, isto é, o Ser puro é a pura abstração. Dessa maneira, o puro Ser é entendido como Nada. Do mesmo modo, o Nada puro e imediato pode ser definido como sendo a mesma coisa que o Ser. Segundo André Leonard, “[...] o ser puro, considerado em si mesmo, é o nada, ao passo que o puro nada, considerado em si mesmo, é a mesma coisa que o ser”. (LEONARD, 1974, p. 50, § 88, tradução nossa). Como sublinha Sartre (2011, p. 56), para Hegel há uma contemporaneidade lógica entre Ser e Nada. Assim, Ser e Nada, essas abstrações vazias, formando tese e antítese, desembocariam no devir: o princípio que, para Hegel, rege a realidade. Heidegger, por sua vez, propõe uma abordagem ao problema do Nada, não de uma perspectiva da lógica, mas a partir do entendimento. Em seu texto *Que é metafísica?* Heidegger coloca o Nada como aquilo que é o fundamento de toda negação. Para ele o real seria “[...] uma tensão de forças antagônicas: é a constante iminência de uma expulsão recíproca entre ser e nada, tensão que se revela na experiência concreta da existência, que faz que essa oposição seja efetiva e não apenas um jogo de aporias do entendimento”. (SILVA, 2003, p. 66). Assim, o Nada poderia ser compreendido, de certo modo, através de certas condutas da realidade humana, existindo ainda para o *Dasein* a possibilidade de descobri-lo como fenômeno, através da angústia. O não-Ser aqui considerado não possui Ser, ele não é, ele se nadaifica. Para Heidegger, o Nada cerca o Ser por todos os lados e, ao mesmo tempo, não está no Ser. O Nada é a condição para que o mundo ganhe contornos de mundo. Desse modo, o Nada não é visto aqui como oposto ao Ser, “[...] mas pertence originariamente à essência mesma (do ser)”. (HEIDEGGER, 2000, p. 59). Assim, para Heidegger, o Ser está suspenso no Nada.

Não estava surpreso, bem sabia que aquilo era o Mundo, o Mundo inteiramente nu que se mostrava de repente, e sufocava de raiva de ser grande e absurdo. Sequer se podia perguntar de onde saia aquilo, tudo aquilo, nem como era possível que existisse um mundo ao invés de coisa alguma. Aquilo não tinha sentido, o mundo estava presente em toda parte, à frente, atrás. *Antes* dele não houvera nada. Nada. Não houvera um momento em que ele pudesse não existir. Era isso que me irritava: obviamente não *havia nenhuma* razão para que aquela larva corrediça existisse. *Mas não era possível* que não existisse. Isso era impensável: para imaginar o nada, era preciso estar já ali, em pleno mundo, vivo e de olhos bem abertos; o nada era apenas uma ideia em minha cabeça, uma ideia existente flutuando naquela imensidão: esse nada não veio antes da existência, era uma existência como outra qualquer e seguida depois de muitas outras (SARTRE, 2011b, p. 179/180, grifo do autor).

Vê-se aí que sem o Ser o Nada não poderia sequer ser concebido, ou seja, o Nada não é só logicamente posterior ao Ser, mas também ontologicamente: “O nada não pode se nadificar a não ser sobre um fundo de ser: se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme” (SARTRE, 2011a, p. 64, grifo do autor).

Portanto, o Nada não pode dar-se logicamente antes do Ser e, tampouco, abstratamente fora do Ser, já que *ex nihilo nihil fit*: o Nada não poderia surgir do nada, não poderia *autonadificar-se*. “Ora, o Nada não é. Se podemos falar dele, é porque possui somente aparência de ser, um ser emprestado, [...]. O Nada não é, o Nada ‘é tendo sido’; o Nada não se nadifica, o Nada ‘é nadificado’” (SARTRE, 2011a, p. 65, grifo do autor). Com efeito, se o Nada deve ser nadificado só quem pode fazer isso é o Ser. Esse Ser, porém, não pode estar passivo e nem receber o Nada de outro Ser, pois isso implicaria um ciclo infinito. Ele não pode tampouco permanecer passivo a sua produção, ou seja, o Nada deve ser nadificado continuamente nesse Ser.

A partir dessas descrições pode-se afirmar que esse Ser que produz o Nada em seu bojo não poderia ser o Em-si, que é sem fissuras, fechado em si mesmo e não se relaciona com o mundo. “O Ser pelo qual o Nada vem ao mundo é um ser para o qual, em seu Ser, está em questão o Nada de seu ser: *o ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve ser seu próprio Nada*” (SARTRE, 2011a, p. 65, grifo do autor). Para Franklin Leopoldo e Silva (2003, p. 67-68) esse Nada perpetuamente em questão indica “[...] a impossibilidade de que o ser seja determinado, uma essência seja manifestada”. Assim, esse Ser “[...] não

se manifestando numa essência que o determine, permanece em suspenso”. Em decorrência disto, Ele carrega essa suspensão como traço ontológico, como um “[...] vazio de determinação essencial, negatividade que se manifesta primeiramente na conduta interrogativa, aquela que introduz propriamente a negatividade no mundo”.

Ora, retomando o exame feito da conduta interrogativa, é possível concluir que é o homem, a partir da interrogação, quem coloca o Nada no mundo. Na interrogação “[...] o interrogador nadifica com relação a si o interrogado, colocando-o em estado *neutro*, entre ser e não ser, e ele próprio se nadifica com relação ao interrogado, descolando-se do ser para poder extrair de si a possibilidade de um não ser” (SARTRE, 2011a, p. 66, grifo do autor). Portanto, com a interrogação a negatividade é inserida no mundo pelo homem, pois através dessa conduta a consciência afeta não só o mundo, mas também a si mesma com o Nada. Logo, é “[...] a consciência interrogativa que, ao introduzir a negatividade no mundo, como que libera o nada, para que ele venha a ‘cintilar sobre as coisas’” (SILVA, 2003, p. 68).

É possível perceber essa mesma estrutura negativa na consciência *imaginante*, pois, para Sartre, essa consciência faz um duplo movimento: ela coloca o mundo enquanto totalidade do real e, ao mesmo tempo, coloca o objeto em imagem como algo que está fora do mundo, ou seja, nega o mundo em relação à imagem colocando-o como um Nada. A partir disso, Sartre afirma: “Para que uma consciência possa imaginar é preciso que por sua própria natureza ela escape ao mundo, é preciso que possa extrair de si mesma uma posição de recuo em relação ao mundo. Em uma palavra: é preciso que ela seja livre³”. (SARTRE, 2005, p. 353, tradução nossa). Dessa maneira, para que uma consciência possa imaginar é preciso que ela seja capaz de negar o mundo, isto é, que ela seja capaz de nadificá-lo. Assim, uma consciência que imagina é uma consciência que infecta a realidade com o Nada, pois “[...] o ato negativo é constitutivo da imagem⁴”. (SARTRE, 2005, p. 351, tradução nossa).

³ “Pour qu’une conscience puisse imaginer Il faut qu’elle échappe au monde par sa nature même, Il faut qu’elle puisse tirer d’elle-même une position de recul par rapport au monde. En un mot Il faut qu’elles soit libre”.

⁴ “[...] l’acte négatif est constitutif de l’image”.

Portanto, “[...] a aparição do homem no meio do ser que ‘o investe’ faz com que se descubra um mundo. Alcançamos assim o termo inicial deste estudo: o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo”. (SARTRE, 2011a, p. 67). A própria estrutura do *cogito* já mostra isso, pois, enquanto dúvida, ela pressupõe em si “[...] a constituição do real como mundo e sua nadificação do mesmo ponto de vista⁵”. (SARTRE, 2005, p. 357, tradução nossa). Então, não só a interrogação, mas toda conduta humana se dá por um duplo movimento de negação do homem: ele é no mundo, mas não é o mundo, e ele é si mesmo não sendo da mesma maneira do Ser Em-si. De tal modo, o Ser Para-si possui “[...] a propriedade de nadificar o Nada, sustentá-lo com seu próprio ser, escorá-lo perpetuamente em sua própria existência [...]” (SARTRE, 2011a, p. 65), ou seja, para trazer o Nada à realidade o homem carrega o Nada dentro de si como uma característica ontológica: ele é seu próprio Nada. Isso quer dizer que, segundo Sartre, o homem só é capaz de gerar o Nada porque ele é *liberdade* em sua constituição ontológica.

O Ser do homem, um Nada de Ser: a liberdade

A partir da tradição filosófica cartesiana, tende-se a acreditar que a liberdade seja relativa à vontade, no sentido de que um ato livre seja um ato segundo a vontade do homem. Nessa concepção, existiriam certos processos psíquicos – as paixões – que escapariam a essa vontade, ou seja, que escapariam à liberdade. Ao conceber a liberdade da seguinte maneira tem-se como consequência uma divisão do homem em vontade e paixão. Para Sartre (2011a, p. 457) tal dualidade é inaceitável: “[...] ou bem o homem é inteiramente determinado (o que é inadmissível, em particular porque uma consciência determinada, ou seja, motivada em exterioridade, converte-se em pura exterioridade ela mesma e deixa de ser consciência), ou bem o homem é inteiramente livre”. Assim, no pensamento sartreano, a vontade não pode ser o lugar onde se manifesta a liberdade, mas é simplesmente uma “[...] decisão refletida em relação a certos fins” (SARTRE, 2011a, p. 458) que nem mesmo são criados pela vontade. Então, a vontade é apenas a maneira refletida de perseguir esses fins, enquanto as paixões seriam a maneira irrefletida.

⁵ “[...] la constitution du réel comme monde et sa néantisation de ce même point de vue”.

Por exemplo, frente a uma ameaça, posso fugir correndo, por medo de morrer. Esse fato passional não deixa de posicionar implicitamente como fim supremo o valor a vida. Outra pessoa na mesma situação, ao contrário, achará ser preciso permanecer no mesmo lugar, ainda que a resistência pareça a princípio mais perigosa do que a fuga: ele “aguentará firme”. Mas seu objetivo, embora melhor compreendido e explicitamente posicionado, continua sendo o mesmo que no caso da reação emocional. Simplesmente, os meios para alcançá-los estão mais claramente concebidos [...]. A diferença recai aqui sobre a escolha dos meios e o grau de reflexão e explicação, não sobre o fim (SARTRE, 2011a, p. 548).

Os fins não são algo exterior à consciência, são sempre uma projeção dela, uma livre projeção. Ora, isso quer dizer que todo ato possui uma finalidade, todo ato humano é intencional, ou seja, “[...] a consciência produtora do ato reconhece na sua intenção a finalidade em vista da qual o ato é produzido, o que é idêntico a reconhecer o motivo do ato” (SILVA, 2003, p. 136).

Assim, quando se tenta descrever a consciência temporalmente como uma sequência contínua e causal tem-se como resultado uma plenitude de ser, por isso, segundo Sartre, “[...] a sucessão de minhas ‘consciências’ é um perpétuo desengate do efeito com relação à causa”. (SARTRE, 2011a, p. 70). Isso quer dizer que o estado presente de minha consciência não pode ser simplesmente o prolongamento de um estado anterior, pois se assim fosse não haveria fissura alguma na consciência onde pudesse se dar a negação. Nesse sentido: “Uma consciência não é a causa de outra consciência: ela é a motivação⁶”. (SARTRE, 2005, p. 57, tradução nossa). O Nada é justamente aquilo que separa a consciência anterior da consciência presente. Contudo, deve-se ficar claro que nesse processo “[...] não houve intercalação brusca de um elemento opaco que separasse o anterior do posterior, tal com uma faca que reparte em duas uma fruta. Nem ainda *enfraquecimento* da força motivadora da consciência anterior, que continua sendo o que era e nada perde de sua imediatez”. (SARTRE, 2011a, p. 71, grifo do autor). Esse Nada que separa a consciência anterior da consciência presente não é uma fissura que possa ser superada tal qual um obstáculo, pois não há aqui obstáculo algum. O que há é o Nada que, justamente por nada ser, é intransponível. Isso quer dizer que ao se determinar pelo

⁶ “Une conscience n’est pas cause d’une autre conscience: elle la motive”.

Nada, toda ação do homem é indeterminada: “[...] a consciência, sendo um poder nadiificador, repele toda e qualquer modalidade de determinismo” (BORNHEIM, 1984, p. 111).

Sartre não quer dizer com isso que a consciência anterior, isto é, o passado, não exista mais; ele ainda mantém uma relação com o presente, mas essa relação é somente interpretativa. A consciência tem o poder de romper com o seu passado, tomar certa distância dele e considerá-lo a partir do não-Ser, ou seja, ela pode interpretá-lo, conferir-lhe um significado. Nesse sentido, a partir dessa separação, o passado não é capaz de produzir uma ação, isto é, não há ligação causal entre o passado e a ação presente. Isso não significa que a ação não tenha um motivo, pois, como já foi dito acima, toda ação é motivada, entretanto, tal motivação não é uma positividade anterior ligada à ação, mas está ligada à finalidade da ação: “A ordem é o inverso da ordem causal: é o fim a alcançar que organiza todos os momentos que o precedem; o fim justifica os meios, e os meios não existem por si mesmos e desvinculados do fim” (SARTRE, 2011a, p. 334).

Assim, todo ato humano é uma nadificação do passado pelo presente que visa um futuro que é Nada. Essa ruptura operada pelo Nada no Ser da consciência é constituinte da própria estrutura da consciência: isso é justamente a liberdade. A consciência, por não poder ser determinada por nenhuma ordem causal, é originariamente pura espontaneidade: “A essa espontaneidade originária é que nós, acompanhando Sartre, definiremos como sendo a *liberdade*” (BURDZINSKI, 1999, p. 29). Nesse sentido, não convém assimilar a liberdade a uma espécie de ação voluntária, pois, como sublinha corretamente Burdzinski (1999, p. 78), toda escolha do homem é sempre “[...] feita pelo para-si desde o nada de fundamento da liberdade”. Assim, independente se realizada voluntária ou involuntariamente, toda ação humana desencadeia uma responsabilidade que recai sobre o homem. A liberdade está ligada a essa responsabilidade, que assim como a liberdade é originária: “[...] minha responsabilidade se estende a tudo e não posso fugir dela, porque ficar indiferente ou ‘deixar-me levar’ são ainda posições assumidas ante o mundo” (SILVA, 2003, p. 151).



Dessa maneira, pode-se ver como o Nada é o fundamento da liberdade, isto é, a liberdade coincide com o Nada da consciência, com o Nada que separa a consciência de si mesma, com o Nada que distancia o homem daquilo que ele foi e daquilo que ele será: “A liberdade é justamente o nada que *é tendo sido* no âmago do homem e obriga a realidade humana a *fazer-se* em vez de ser” (SARTRE, 2011a, p. 545, grifo do autor). Segundo Franklin Leopoldo e Silva: “Poderíamos ver aí algo como uma indeterminação vivida, porque é um *nada* que, a princípio, é *tudo* que o homem tem. Por isso, ele pode ser definido pela ausência de determinação positiva, isto é, pela liberdade” (SILVA, 2003, p. 70, grifo do autor). Ora, por essa perspectiva, mais do que um Ser, a liberdade pode ser considerada para Sartre como um “Nada de Ser”, um Nada de Ser que é o Ser do homem.

Referências

- BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e Existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- BURDZINSKI, Júlio Cezar. **Má-fé e autenticidade**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1999
- HEIDEGGER, Martin. Que é Metafísica? In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- LÉONARD, André. **Commentaire littéral de la logique de Hegel**. Éditions Peeters, Lovain, 1974.
- PLATÃO. O Sofista. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia 1**. São Paulo: Paulus, 2003.
- RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução à Gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. **L'Imaginaire**. Paris: Gallimard, 2005.
- _____. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- _____. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011b.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre**. São Paulo: UNESP, 2004.